


AMASIS – O ARTESÃO ÁTICO, O FARAÓ SAÍTA E O GUERREIRO ETÍOPE: UM DEBATE SOBRE ETNICIDADE NO MUNDO GREGO ANTIGO

Ahmose – The Atic Artisan, The Saite Pharaoh and the Ethiopian Warrior:
A Debate on Ethnicity in the Greek Ancient World

Gilberto da Silva Francisco^a

 <https://orcid.org/0000-0002-9615-4922>

E-mail: g.francisco@unifesp.br

^a Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,
Departamento de História, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

Amasis foi um ceramista que atuou na região da Ática no século VI a.C., e que foi citado por outros artesãos de sua época. Seu nome, explicitamente estrangeiro naquele contexto, era também o de um faraó egípcio da dinastia saíta contemporâneo do Amasis artesão. Esse governante do Egito parece ter desenvolvido uma série de ações que visavam certa aproximação com comunidades gregas e seu nome pode ter se tornado popular no Mediterrâneo oriental por causa disso. Essas duas figuras históricas, o artesão e o faraó, que expressavam atributos estrangeiros na perspectiva grega, podem ter baseado a construção de um discurso de alteridade por parte de um outro artesão ático da mesma época, Exéquias, que discutiu quem eram os gregos e os não-gregos (neste caso, egípcios ou “etíopes”) em imagens sobre alguns vasos de cerâmica que produziu nos quais ele próprio criou um terceiro Amasis, um guerreiro etíope mítico situado no ciclo troiano. Este texto objetiva, ao considerar esse conjunto intrincado de referências, entender com mais detalhes certos elementos ligados à integração afroeurasiática do Mediterrâneo oriental a partir de uma reflexão sobre etnicidade; ou seja, pensar quem era percebido como grego e não-grego a partir de fontes textuais e materiais entre os períodos arcaico e clássico.

PALAVRAS-CHAVES

Amasis, Exéquias, Cerâmica ática, Identidade étnica.

ABSTRACT

Amasis was a potter who was active in the region of Attica in the sixth century BC, and who was mentioned by other artisans of his time. His name, explicitly foreign in that context, was also that of an Egyptian pharaoh from the Saite dynasty who was a contemporary of the craftsman Amasis. This ruler of Egypt seems to have developed a range of actions aimed at a certain rapprochement with Greek communities and his name may have become popular in the eastern Mediterranean because of this. These two historical figures, the craftsman and the pharaoh, who expressed foreign attributes in the Greek perspective, may have informed the construction of a discourse of otherness by another Attic craftsman from the same period, Exekias, who discussed who the Greeks and non-Greeks were (in this case, Egyptians or “Ethiopians”) in images on some ceramic vases he produced in which he himself created a third Amasis, a mythical Ethiopian warrior situated in the Trojan cycle. Considering this intricate set of references, this text aims to understand in more detail certain elements linked to the Afro-Eurasian integration of the Eastern Mediterranean from a viewpoint of ethnicity; in other words, to think about who was perceived as Greek and non-Greek from textual and material sources between the Archaic and Classical periods.

KEYWORDS

Amasis, Exekias, Attic pottery, Ethnic identity.

O problema da identidade e suas múltiplas configurações tornou-se, depois da Segunda Guerra Mundial, um tema fundamental nos debates sobre as sociedades humanas. Questões sobre a condição racial, étnica e nacional que eram, até então, discutidas tendo como base esquemas civilizatórios abertamente hierárquicos, passaram a incluir, de forma consistente, temas como a perspectiva do “outro”, do “subalterno”, do “colonizado”, do “periférico”; e a compreensão do alcance e dos efeitos da construção de conhecimento imperialista, incluindo conceitos antes pensados como “universais”. Tais debates que se projetaram sobre campos variados das Humanidades também atingiram de forma significativa os Estudos Clássicos. No caso específico dos estudos sobre a Grécia antiga, problemas de variedade regional, das contribuições externas (afroasiáticas) e a crítica de conceitos como “helenização” foram fundamentais para a construção de uma perspectiva mais inclusiva e multivocal.¹

Este texto engaja-se nesse amplo debate a partir de uma questão específica: o problema da identidade étnica no mundo grego nos períodos arcaico e clássico, considerando a mobilização de referências disponíveis em um contexto de integração em níveis variados no Mediterrâneo oriental. Mais especificamente, observaremos como um nome e algumas referências associadas a ele podem mobilizar um conjunto de ideias que remontam ao contexto histórico específico, a partir de elementos factuais e míticos; mais que isso, como eles estão diretamente associados à produção de explicações sobre quem eram “os gregos” e os “não-gregos”.²

Comentarei, portanto, como o nome “Amasis” poderia evocar um conjunto variado e complexo de referências entre os séculos VI e V a.C., entre a Ática, o Egito e a “Etiópia”. Trata-se, dessa forma, mais de um estudo de caso e não de um balanço dos debates sobre identidade étnica no mundo grego no contexto indicado.³ Para tanto, partirei de dois pontos que parecem fundamentais na organização do discurso sobre a identidade étnica no contexto tratado: (1) a alteridade como uma construção dialética (o discurso interno sobre determinado grupo depende da criação das fronteiras étnicas e, assim, da caracterização de quem não faz parte dele);⁴ e (2) a caracterização do outro é, muito frequentemente, baseada em uma leitura estereotipada e imprecisa (Harrison, 2002, p. 11-3), mas não necessariamente unificada, negativa ou exclusivista (Vlassopoulos, 2007).

AMASIS: UM CERAMISTA ESTRANGEIRO NA ÁTICA?

Amasis foi um artesão ceramista que operou na região da Ática no século VI a.C.⁵ Seu nome é conhecido a partir de um grupo de 18 assinaturas de autoria – *Ἀμασις μ' ἐποίησεν* (“Amasis me fez”) (tabela 1) – e algumas outras, que ainda comentarei. Embora a maior parte dessas assinaturas seja composta pela partícula *με* (“me” – tabela 1, II, III, VI,

¹ Para críticas ao conceito de helenização, ver Martin (2007, p. 41-42) e Vlassopoulos (2013, p. 7-11). Ver, ainda, Bernal (1987 e 2005) para uma avaliação do impacto do racismo nas principais teses sobre a Grécia antiga.

² Utilizarei os termos “gregos” e “não-gregos” preferencialmente, mas também “outros” e “bárbaros” para estes, consciente de que se trata de uma construção binária e que esconde, portanto, especificidades e variedades importantes nos dois campos, o que será discutido ao longo do texto. A inadequação desse binarismo vem sendo discutida recentemente por boa parte da bibliografia sobre questões étnicas relacionadas ao mundo grego antigo, partindo da observação dessa construção simplista e xenofóbica de determinados autores antigos. Para uma visão crítica da mobilização desses conceitos, ver Dietz, 2012, p. 275; Melzer, 2012, 68-9; e McCoskey, 2022, p. 144-5.

³ Para a questão da etnicidade no mundo antigo e, especificamente no mundo grego antigo, ver McInerney (2014); Hall (1997 e 2002); e Malkin (2001).

⁴ Recupero, aqui, o argumento de Jonathan Hall (2001, 2002 e 2010), sobre a etnicidade como uma visão interna (de si e do grupo) e a avaliação sobre se as diferenças são significativas a ponto de se estabelecerem distinções (a caracterização do “outro”, neste caso, o “não-grego” ou “bárbaro”) ou a manutenção dentro do grupo (neste caso, a noção de “helenidade”).

⁵ Sobre Amasis, o pintor e o oleiro, ver Boardman, 1958; Von Bothmer, 1985; e Robetson *et al.*, 1987.

VII, XI, XII, XIV, XVI e XVII), como se o próprio objeto apresentasse o seu autor,⁶ houve seguramente assinaturas mais simples de Amasis, que indicam apenas o ato de fazer, Ἀμασις ἐποίησεν (Amasis fez –I1, 1; VIII e IX).⁷ Também é importante notar que, nesse grupo, há algumas assinaturas questionáveis. Por exemplo, aquela sob o pé de um lécito (tabela 1, III) atribuído ao Pintor de Taleides tem sua autenticidade contestada por alguns autores.⁸ Ainda, um fragmento de ânfora (tabela 1, V) com uma pequena parte da inscrição preservada (apenas as duas letras finais) foi atribuído a Amasis e ao Pintor de Amasis considerando o estilo da escrita e dos trechos preservados das figuras (Robertson *et al.*, 1987, p. 108, fig. 17).

Há, em torno de Amasis, alguns debates sobre sua atuação profissional e sobre sua condição étnica. No primeiro campo, a questão central é a compreensão de sua personalidade a partir de duas ações específicas: seu nome aparece, como visto, em assinaturas associadas ao verbo ποιέω (fazer), na sua forma pontual do aoristo, ἐποίησεν, que é, muitas vezes, compreendido como equivalente à ideia de torneir o vaso; portanto, ele definiria uma ação específica da produção ceramista.

Tabela 1. Assinaturas de Amasis				
	Inscrição ⁹	Forma ¹⁰	Pintor	CAVI
I	Αμα[σις] ἐ[ποίησεν]	Taça (frs.)	---	3619
II	Αμασις μεποίησεν	Olpe	Pintor de Amasis	4335
III	Αμασις μεποίησεν	Lécito	Pintor de Taleides	4926
IV	Αμασις [μεποίησεν]	Taça (frs.)	Pintor de Amasis	4941
V	[Αμασις μεποίησ]εν	Ânfora (fr.)	Pintor de Amasis	5734
VI	Αμασις μεποίησεν	Ânfora	Pintor de Amasis	6090
VII	Αμασις μεποίησ[ε]ν	Olpe	Pintor de Amasis	6284
VIII	[Αμασις] ἐποίησεν Αμασις ἐποίησεν	Taça	Pintor de Amasis	6987
IX	[Α]μ[ασις] ἐποίησεν [Α]μ[ασις] ἐποίησεν	Ânfora	---	7659
X	[Αμασις μεποίη]σεν	Píxide	Pintor de Amasis	77
XI	[Αμα]σις μεποίησεν	Olpe	Pintor de Amasis	8079
XII	[Αμα]σις μεποίησεν	Taça	---	119a
XIII	Αμασις [μεποίησεν?]	Fr.	Pintor de Amasis?	1833
XIV	[Αμασις] ἐποίησεν	Taça (fr.)	Skythes	2067a
XV	[Α]μασις [μεποίησεν]	Taça (fr.)	Skythes	2067b
XVI	[Αμ]ασις [μ]εποίησεν Αμασις μεποίησεν	Ânfora	Pintor de Amasis	2703
XVII	Αμασις μεποίησεν	Ânfora	Pintor de Amasis	2704
XVIII	Αμασις [μ?]εποίησεν	Olpe	Pintor de Amasis	3070

Entretanto, sabe-se que, no âmbito da produção ceramista, esse verbo tinha sentido mais elástico e poderia incluir outra ação que também ocorre em vasos assinados: o verbo γράφω (desenhar, pintar), que aparece no aoristo como ἔγραψεν.¹¹ Apesar de, em vários casos, os dois verbos aparecerem de forma distinta (em um mesmo vaso, um nome

⁶ Para as chamadas “inscrições falantes”, ver Svenbro, 2010 e Francisco, 2008, p. 13.

⁷ Considerando a maior incidência da partícula με nas inscrições bem preservadas, os especialistas optam frequentemente pela reconstituição “Amasis me fez” naquelas assinaturas bastante fragmentadas (tabela 1, IV, V, X, XIII, XV, XVI e XVIII).

⁸ Ver comentário sobre a inscrição no CAVI 4926. Para uma apresentação do objeto, ver Legakis, 1983.

⁹ Trechos reconstituídos estão entre colchetes. A forma arcaica grafada nos vasos utiliza o apenas o *epsilon* (ε) no lugar dos trechos que, no grego acadêmico, são grafados com o *eta* (η).

¹⁰ Fr./frs. – fragmento/fragmentos.

¹¹ Nas assinaturas dos vasos áticos, o termo aparece principalmente utilizando-se as letras φ e σ (ἔγραψεσεν) e não a letra ψ.

associado ao verbo *ποιέω* e outro ao verbo *γράφω*), por vezes, a amplitude semântica do verbo *ποιέω*, nas assinaturas em vasos áticos principalmente, poderia incluir o significado do outro verbo – desenhar, pintar.¹² Ou seja, o contexto das oficinas ceramistas gregas, sobretudo as da região da Ática, apresentava um referencial para a compreensão linguística do verbo *ποιέω*, que ganhava, ali, um sentido mais específico que seu uso geral e, possivelmente, articulado entre o ato de fazer como tornear, mas, eventualmente, também como desenhar ou, ainda, ter responsabilidade gerencial pela produção; e isso interfere significativamente na interpretação da *persona* de Amasis.

A maior parte dos vasos associados ao oleiro Amasis foi decorada por um pintor cujo nome nunca foi explicitado nas inscrições de autoria. Mas, tendo em mente a consistente associação entre esse pintor (cujo nome desconhecemos) e o oleiro Amasis, a erudição acadêmica passou a denominá-lo como “Pintor de Amasis” – aquele que colaborava com Amasis. Isto é, a assinatura referenciada no verbo *ποιέω* deu base para interpretações mais delimitadas, enquadrando o oleiro como uma pessoa específica diferente do pintor: o oleiro Amasis e o pintor *de* Amasis. Entretanto, considerando a colaboração aparentemente consistente entre o oleiro e o pintor (ver tabela 1),¹³ a interpretação do verbo *ποιέω*, pode ser ampliada incluindo o ato de pintar; assim, vários especialistas consideram que o oleiro e o pintor acima mencionados fossem a mesma pessoa. Mas, vale notar, a aglutinação das duas personalidades é tema bastante polêmico e está ainda no centro de debates.

Outra questão ligada ao seu nome, que está relacionada à primeira acima indicada, é a origem desse artesão: Amasis é um nome estrangeiro no mundo grego – a forma local para o nome egípcio *Ahmose* (Boardman, 1987, p. 141), que parece ter sido solidamente utilizado no Egito entre as XVII e XVIII dinastias (século XVI-XV a.C.) por faraós, rainhas, príncipes e princesas tais como Ahmose I, Ahmose-Nefertari, Ahmose-Sipair, Ahmose-Meritamun, entre outros (Bunson, 2002, p. 14-18 e Biebrier, 2008, p. 6-8) – ver tabela 2, I.¹⁴ Dessa forma, o nome parece ter tido uma projeção territorial basicamente egípcia, o que mudaria significativamente, já que se tornou popular a partir do século VI a.C. e, nesse contexto, ele teve uma projeção mais ampla no Mediterrâneo oriental. No Egito, ele foi recuperado por um faraó saíta da XXVI dinastia, Amasis (*Ahmose*) II (ver tabela 2, II) (Bunson, 2002, p. 24-25).

Parece também ter havido um líder militar persa de origem possivelmente iraniana com esse nome conforme indica Heródoto (*Histórias* 4.167, 201 e 203), cujo nome pode ser compreendido, por um lado, como a adoção do nome egípcio pelo general persa; e, por outro, como uma forma egípcianizada de um nome iraniano como Amasri, Amazata, Ameça, Masaya, Masiya, Masišta ou Damāsa (König 1972, p. 82; Tavernier 2007, p. 104–5, 242; Schmitt, 2011; Harrison; Irwin 2018, p. 101; e Tuplin, 2020, p. 11). No mundo grego, segundo o *LGN*, há três incidências do nome: além do artesão que operou em Atenas (*LGN* V2 4111), é registrado outro Amasis em Élis (séc. V-IV a.C. – V3a 19008) e um Amasos (*Ἀμασος*) de Mégara (século IV a.C. – V3b 37075) – ver tabela 2, IV-VI.

Tabela 2. Ocorrências do nome Amasis

	Nome	Local	Período
I	Ahmose (nome tradicional egípcio)	Egito	século XVI-XV a.C.
II	Ahmose II (faraó)	Egito	século VI a.C.
III	Amasis (militar)	Pérsia	século VI a.C.

¹² Para os tipos de inscrições sobre os vasos gregos, incluindo as assinaturas, ver Francisco (2023, p. 53-5).

¹³ Há cerca de 130 vasos atribuídos ao Pintor de Amasis (Von Bothmer, 1985, p. 38); entre eles, a colaboração com Amasis, o oleiro, é observada a partir das inscrições em 12 vasos (ver tabela 1, II, IV-VIII, X, XI, XIII e XVI-XVIII).

¹⁴ O significado do nome parece ter sido “a lua é nascida” (Bunson, 2002, p. 15). Para a associação do nome com a lua e cultos de divindades lunares, ver Bryan (2000, p. 209).

Tabela 2. Ocorrências do nome Amasis			
	Nome	Local	Período
IV	Amasis (oleiro)	Ática	século VI a.C.
V	Amasis	Élis	século V-IV a.C.
VI	Amasos (ver nota 31)	Mégara	século IV a.C.

Tendo como base o nome tradicional egípcio, alguns autores defendem que a origem ou ascendência do artesão também fosse egípcia; e, por vezes, com explicações mais detalhadas: considerando a inserção do artesão no mundo grego, alguns autores sugerem a sua origem em Náucratis, uma cidade grega no Egito (Von Bothmer, 1985, p. 38). Ainda, tendo em mente a possível origem estrangeira do ceramista ático (o que é exclusivamente sugerido por seu nome), perguntou-se, para além da possível origem egípcia, se ele seria um homem negro (Snowden, 1970, p. 16-7). Tais questões nos colocam diante de desafios metodológicos significativos.

Por exemplo, se considerarmos Amasis um oleiro-pintor, poderemos observar determinados aspectos das imagens produzidas por ele e, a partir disso, refletir sobre eventual adesão a conteúdos estrangeiros e distantes por um lado, ou locais e próprios da produção ática por outro. Entretanto, se o considerarmos apenas um oleiro, nada disso poderia ser utilizado como fonte para entender como esse artesão foi integrado ao universo ático. Além disso, se ele era percebido como estrangeiro, o que isso queria dizer de fato? Seria um meteco ou um bárbaro? De onde exatamente teria vindo? O nome pode nos oferecer uma pista segura da origem desse artesão e de sua condição social ou étnica? Bem, esse cenário bastante duvidoso é sintetizado pelo ceramólogo John Boardman (1987, p. 146):

O que podemos concluir sobre o nosso artista ou artistas? Confesso que tenho dificuldade em responder e desconfio profundamente de quem pensa que a resposta é fácil. Tenho a forte sensação de que o ceramista e o pintor são o mesmo homem [...]. Acho muito provável que ele não fosse ateniense de nascimento e que ganhou seu nome na Jônia ou em um ambiente influenciado pela Jônia, embora eu não possa descartar a possibilidade de que o nome tenha sido adotado depois de sua chegada em Atenas, guardando alguma referência à sua origem. Eu acho que ele, provavelmente, veio para Atenas e trabalhou como ceramista (não sei se já era antes ou não); que lá ele começou a pintar (...). Em outras palavras, que ele era um imigrante bem-sucedido ou filho de um imigrante bem-sucedido, que tinha seu negócio próprio relacionado a um forno, e que pôde passar para o seu distinto filho Cleofrades. (tradução minha).

Apesar de Boardman apresentar uma caracterização relativamente bem detalhada da *persona* de Amasis, parece que o fato mais relevante são os marcadores de dúvida no seu texto: além de indicar explicitamente a dificuldade em determinar tais elementos da biografia do artesão, ele usa termos como “provavelmente”, “acho muito provável”, “embora eu não possa descartar a possibilidade de...”. Assim, mais do que pender para uma interpretação ou outra, prefiro destacá-las como elementos que indicam as limitações na construção de narrativas sobre esse artesão especificamente, e do universo do artesanato ceramista de maneira geral naquele contexto; mas, além disso, identificar alguns pontos pouco duvidosos nesse conjunto de informações.

Ainda, outros aspectos do debate sobre esse nome trazem mais dúvidas sobre uma caracterização precisa sobre quem foi Amasis. John C. Pedley (1998, p. 190), ao comentar alguns artesãos estrangeiros em Atenas, diz que “o nome do oleiro, Amasis, é uma forma grega do nome egípcio *Ahmosis*; e, considerando isso, é possível que tenha sido egípcio,

ou parcialmente egípcio” (tradução minha). Entretanto, essa opinião não considera o debate sobre o uso de nomes estrangeiros no contexto tratado: por exemplo, Christian Habchit, que discute a questão e apresenta explicações variadas para a existência desses nomes, diz que “um cidadão ateniense poderia introduzir um nome estrangeiro em Atenas, dando ao seu filho o nome de um rei ou de alguma celebridade estrangeira” (Habchit, 2000, p. 121). Ou seja, a identificação de um nome estrangeiro não significa a identificação direta de uma pessoa estrangeira.

Assim, se não é possível dizer se o nome Amasis era relacionado a um oleiro e pintor, ou se ele teria sido obtido em Atenas, na Jônia ou em alguma cidade exterior ao mundo grego, sabemos que o nome foi inserido no universo ático do século VI a.C. nas assinaturas de um artesão ceramista, mas não apenas isso. O contexto histórico também pode oferecer alguns pontos para estabelecermos um quadro interpretativo mais amplo (o que será desenvolvido mais a frente), bem como o ambiente específico da produção ceramista. Por exemplo, sabemos que nome Amasis também apareceu em objetos produzidos por outros artesãos. Ele foi citado em dois vasos assinados pelo ceramista Cleofrades em inscrições com estrutura patronímica (“Cleofrades, filho de Amasis”);¹⁵ e em vasos de um artesão concorrente de Amasis – Exéquias –, um ceramista contemporâneo de Amasis que assinou como oleiro e pintor.¹⁶

Se levarmos em conta os vasos produzidos por Exéquias e Amasis, parece que operaram em oficinas diferentes concomitantemente por cerca de vinte anos, e que o ambiente relativamente delimitado dessa produção ceramista os constrangeu a uma lógica competitiva (Henrichs, 1987, p. 109; Stansbury-O'Donnell, 2011, p. 200). Alguns artesãos registraram explicitamente esse aspecto competitivo; por exemplo, o ceramista Eutímidis (último quartel do século VI a.C.), complementou sua assinatura em uma ânfora com a seguinte formulação: “como nunca fez Eufônio”,¹⁷ o que nos indica que, no próprio ambiente da produção, poderia haver alguma avaliação da produção baseada nessa lógica comparativa e competitiva (Hurwit, 2015, p. 96; Bundrick, 2019, p. 24).

Nesse ambiente, Exéquias parece ter também utilizado referências que revelavam algo do ambiente competitivo entre artesãos fazendo uma referência indireta a seu concorrente Amasis. Em dois vasos atribuídos a Exéquias, aparece o nome de Amasis, mas não o seu próprio. Mais que isso, o nome Amasis é associado a figuras de etíopes, ou seja, habitantes de uma região considerada limítrofe no repertório cultural grego. Ou seja, se o nome de Amasis aparecia com certa frequência em assinaturas de autoria, Exéquias o desloca para outro tipo de informação escrita – o nome aparece como legendas que nomeiam personagens míticas. Vejamos, na sequência, com mais detalhes, a complexidade dessa construção.

AMASIS, O GUERREIRO MÍTICO ETÍOPE

Antes de observar a proposta de Exéquias, é preciso indicar o que eram, de fato, as populações etíopes e a Etiópia no conjunto de referências gregas. O nome “Etiópia” na Antiguidade não era ligado à descrição territorial do que se tornou, muito posteriormente, o Estado Nacional contemporâneo. Diferente disso, o termo era usado para situar uma região mais ao sul do Egito, com extensão ampla e imprecisa, que correspondia, em parte, à antiga

¹⁵ Essas inscrições estão localizadas nos pés de duas taças (J. Paul Getty Museum, inv. 80.AE.54 e 83.AE.217). Para as assinaturas de Cleofrades como filho de Amasis, ver Von Bothmer (1985, p. 230-1 – CAVI 4944).

¹⁶ Para as assinaturas de Exéquias, ver Hurwit (2015, p. 80-5).

¹⁷ Eufônio era um pintor ceramista contemporâneo de Eutímidis. O vaso em questão é uma ânfora ática de figuras vermelhas do Staatliche Antikensammlungen, inv. 2307 – CAVI 5258.

Núbia (majoritariamente projetada no território do atual Sudão), mas não apenas isso.¹⁸ É relevante saber, ainda, que o nome dessa região e de seu povo tinha uma base, pode-se dizer, fenotipicamente descritiva: a junção de duas palavras gregas – αἶθω (queimar) e ὤψ (olho, rosto) –, cujo significado era diretamente associado a uma característica física da população que ali habitava: a negritude. Aliado a isso, há elementos essenciais do repertório mítico grego, como a situação limítrofe daquela região – uma espécie de “fim” ou “borda fronteira” do mundo habitado, mais próxima do Sol (era onde ele nascia e a Aurora – o nascer do Sol – fixou-se por ali e estabeleceu sua prole constituída de governantes da região, os heróis Mêmnon e Eumatião).¹⁹ Tendo isso em vista, voltemos à construção imagética de Exéquias.

O ceramista, como visto, utiliza o nome de Amasis como legendas que caracterizam figuras de etíopes, e tal associação foi bem circunstanciada no plano do mito. Por exemplo, em dois vasos produzidos por Exéquias que apresentam a figuração de uma narrativa relacionada ao ciclo troiano ligada a Mêmnon, o rei dos etíopes, e membros de seu exército; que, na construção de desse artesão, seguia uma perspectiva geral e anterior sobre a compreensão de territórios e personagens estrangeiras (bárbaras) relacionadas ao mundo africano através da mediação feita por personagens construídas a partir do repertório cultural grego.²⁰

Nesse sentido, Mêmnon, quando é figurado, não aparece como um etíope comum. Ao contrário, suas características culturais (indumentária e armamentos) e fenotípicas (tipo de cabelo, olhos, nariz etc.) são como as de Aquiles – seu maior oponente e representante dos gregos – nas cenas do combate entre os dois, e claramente diferente daquelas dos etíopes nas cenas que aparece figurado junto deles (ver nota 20). Assim, ele é representado como um “homem grego” entre etíopes. Na genealogia de Mêmnon apresentada na literatura, os elementos ressaltados são mais orientais que africanos. Por exemplo, ele é um representante da realeza troiana, filho de Títono, irmão de Príamo, rei de Troia, e filho da deusa Aurora. Entretanto, os domínios territoriais mais sólidos relacionados a ele são situados na Etiópia, onde ele teria nascido, vivido e sido imobilizado no contexto de sua morte.

A julgar pelas ocorrências na poesia e iconografia arcaicas, o mito de Mêmnon já era conhecido antes mesmo do século VI a.C.: ele aparece em cenas pintadas sobre vasos de cerâmica, em relevos e, na poesia (na *Odisseia* 11.522, na *Teogonia* 985 e, se a referência de Proclo for confiável, na *Etiópida* atribuída a Arctino de Mileto).²¹ Parece, dessa forma, que Exéquias mobiliza uma narrativa mítica bem conhecida na tradição literária e imagética quando ele cria suas imagens sobre Mêmnon. Entretanto, ele adiciona à tradição um elemento novo.

Muito já foi escrito sobre a mediação de fatos históricos a partir de temas míticos na cultura grega entre os períodos arcaico e clássico. Por exemplo, em contexto da guerra contra os persas, a presença de figuras relacionadas à Guerra de Troia parece ter sido bastante consistente (Van Rookhuijzen, 2018, p. 293; Mac Sweeney, 2018, p. 80; Rutter, 2020, p. 199); e, além disso, muito do programa escultórico do Pártenon, em Atenas, é lido pela bibliografia como propaganda anti-bárbara baseada em representações míticas (Erskine, 2001, p. 73-4). Esses são dois elementos pontuais de uma ampla e consistente

¹⁸ Ver Derbew (2022, p. 10-4) para o debate sobre a terminologia para a antiga Etiópia (sua proximidade da Índia), Cuxe, Núbia e Meroé.

¹⁹ Para o mito da Aurora (Éos), Memnon e Ematião e sua conexão com a Etiópia, ver Roman; Roman, 2010, p. 156-7.

²⁰ Refiro-me, aqui, especialmente à mobilização do mito de Mêmnon liderando os etíopes na Guerra de Troia e alguns combates específicos do herói, principalmente contra Aquiles. Para a imagística de Mêmnon, ver LIMC, verbete *Memnon*, vol. VI, 1, p. 448-61; e VI, 2, p. 230-9. É devido notar, ainda, que apesar de a maior parte das fontes situarem Mêmnon na Etiópia, a sua origem também poderia ser associada a Susa (Gruen, 2011, p. 200).

²¹ Para a apresentação detalhada das fontes sobre Mêmnon, ver Snowden (1970, p. 151-3).

prática de reflexão sobre a história utilizando o mito como mediação: ou seja, a partir de narrativas que explicitam a vitória da cultura da pólis sobre os bárbaros no plano mítico, apresentava-se um discurso afirmativo da vitória grega sobre os persas no plano histórico. Parece que essa elaboração imagética do mito associado ao herói Mêmnon também revelaria uma mediação na construção de um discurso sobre o outro. Vejamos como o mito de Mêmnon e sua relação com a Etiópia pode nos ajudar a compreender a competição entre artesãos ceramistas na Ática e algumas questões étnicas no século VI a.C.

Na literatura arcaica, Mêmnon aparece caracterizado como portador de uma armadura de bronze e, principalmente, como rei (ou comandante militar) dos etíopes (*Teogonia* 985; *Ístmicas* 39-40; *Píticas* 25-35); e há construções posteriores que reforçariam tal situação: além da referência à sua morte no combate contra Aquiles feita nas *Olímpicas* (80 sqq.) de Píndaro, esses temas voltam a aparecer nas *Epítomes* (5) de Pseudo-Apolodoro (século I-II d.C.), e em duas obras tardias – no livro 2 das *Pós-homéricas* de Quinto de Esmira (séc. III d.C.) e na seção da *Etiópida*, atribuída a Arctino de Mileto (século VIII a.C.), em um resumo na obra intitulada *Crestomatia*, atribuída com muita dúvida a Proclo e encontrada na *Biblioteca* de Fócio (códice 239).²²

Essas referências indicam a criação da personalidade da personagem Mêmnon em um ambiente estrutural, de longa duração. Ele foi caracterizado, em linhas gerais, pela excelência no combate, pela liderança militar e política de um grupo estrangeiro na perspectiva grega, os etíopes. E, vale notar, se considerarmos suas representações literárias entre o período arcaico e clássico, tais elementos essenciais da personalidade de Mêmnon já estavam disponíveis.

Na imagística, Mêmnon está ligado a cenas variadas da Guerra de Troia. Assim, ele aparece armado junto a etíopes, o que revela a sua situação de comando e características da composição de seu exército; em combate direto com Aquiles (por vezes, ladeados por suas mães, a Aurora e Tétis), destacando-se, nesse caso, características individuais de sua aptidão como combatente; e alguns desdobramentos disso, como o episódio da *Psychostasia* (a pesagem de suas almas) e o episódio de sua imortalidade requerida por sua mãe, a Aurora (ver nota 19).

Esses episódios relacionados ao ciclo troiano indicam alguns elementos interessantes da situação de Mêmnon. É bastante claro, nas representações literárias e imagéticas, que ele é um herói tipicamente “grego”, já que sua caracterização não difere em quase nada da de Aquiles, seu principal oponente.²³ Entretanto, diferente de Aquiles, seu domínio é outro e ele lidera um exército composto por estrangeiros. Assim, a luta (e vitória) de Aquiles contra Mêmnon pode também ser lida como uma luta entre um herói representante do “mundo grego” ou da “cultura da pólis” contra outro que representa um “mundo bárbaro”.

Nas imagens, os elementos que marcam com mais solidez essa relação com a Etiópia são os próprios etíopes, guerreiros do exército de Mêmnon, que, diferente dele, portam armaduras e outros equipamentos de combate distantes daqueles utilizados pelos combatentes gregos: enquanto Mêmnon porta lança e escudo circular, os etíopes ao seu lado portam clavas e escudos ovalados (ver figura 1 e 2), elementos que apresentam com clareza a diferença entre gregos e etíopes. Ainda, tal diferença é ressaltada pela caracterização do tipo biológico específico dos guerreiros etíopes, que é diferente do de Mêmnon.

²² Para Mêmnon em várias fontes literárias, desde o período arcaico, ver Snowden, op. cit. Especificamente, sobre Mêmnon na *Etiópida*, ver Rengakos, 2015, p. 307-8; na *Pós-homéricas*, ver Scheijnen, 2018, p. 81-92; para a *Etiópida* na *Crestomatia*, ver Gatti, 2021, p. 137-8.

²³ Para as características do herói grego, ver Ekroth, 2010 e Nagy, 2020, p. 37-38.

Figura 1 – Ânfora ática de figuras negras (c. 535 a.C.) atribuída a Exéquias, Museu Britânico, Londres, inv. B209: face A (esquerda) – painel com figura de luta entre Aquiles e Pentésiléia; face B (direita) – painel com figura de Mênnon entre etíopes.



Fonte: https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1849-0518-10

Percebe-se, assim, que a caracterização do universo estrangeiro é explicitamente apresentada pelo termo “etíope” nos textos e na caracterização cultural e fenotípica nas imagens; ou seja, se Mênnon permanece grego nas formulações do período arcaico, um grego entre etíopes, o seu domínio distante em território africano é indicado a partir de seus habitantes.²⁴ E, retomando o possível diálogo entre Exéquias e Amasis, parece que é justamente a partir dessa mediação mítica que Exéquias lia a situação de seu concorrente no ambiente da produção ceramista do século VI a.C.

Em uma das ânforas que ele produziu (ver figura 1),²⁵ há duas cenas associadas ao ciclo troiano: em uma face do vaso, o combate entre Aquiles e Pentesileia, a rainha das Amazonas em sua plena execução; e, na outra, Mênnon entre dois etíopes, todos armados. Mênnon porta armadura e armamentos diferentes de seus guerreiros etíopes e, além disso, as características físicas próprias da Etiópia, espaço onde habitavam povos negros na compreensão grega, é ressaltada nas figuras dos guerreiros próximos de Mênnon (ver figura 2).

²⁴ É interessante notar que, em formulações posteriores (sobretudo aquelas do período imperial), Mênnon começa a ser associado mais consistentemente a características que reforçam a sua negritude. Se considerarmos apenas registros literários, na *Eneida* (1, 464) – século I d.C. –, Mênnon é descrito como *niger* (negro); nas *Noites Áticas* (19, 7) de Aulo Gélcio, o termo que o descreve é *nocticolor* (da cor da noite). Além disso, o nome Mênnon também foi associado ao um jovem negro etíope educado por Herodes Ático segundo Filóstrato na obra *Vida de Apolônio de Tiana* (3, 11) – século II-III d.C.

²⁵ Museu Britânico, inv. B 209. Ver Robertson, et al., 1987, p. 148-50, fig. 6. Em *ABV* (144, 8), o vaso é atribuído a Exéquias.

Figura 2 – Painel de ânfora ática de figuras negras (ver figura 1, face B) – Mêmnon entre os guerreiros etíopes Aoiesn e Amasis.



Fonte: https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1849-0518-10 (adaptado)

As duas cenas, colocadas lado a lado, apresentam dois combates de Aquiles contra guerreiros que representam o mundo estrangeiro. As Amazonas e os etíopes eram associados ao mundo bárbaro e ambos lutaram pelos troianos. Ou seja, o vaso porta cenas de dois combates, um em curso e outro por vir, que balizam parte da ação de Aquiles no ciclo troiano. Entretanto, Exéquias apresenta uma especificidade: os dois guerreiros etíopes do exército de Mêmnon são nomeados: Aoiesn (Ἀοῖσην) e Amasis (Ἀμασις) – ver figura 4.²⁶ As duas palavras sugerem conexões com o ambiente da produção de vasos de cerâmica no século VI a.C. A primeira, mesmo que “sem sentido”, parece ser um nome próprio inspirado na palavra ἐποίησιν (Ἀοῖσην); a segunda, uma possível referência indireta ao artesão contemporâneo de Exéquias, Amasis. Além disso, os dois nomes, lado a lado, poderiam até mesmo ser confundidos com uma assinatura de Amasis.²⁷

²⁶ No comentário a essa inscrição no CAVI (4256), é dito o seguinte: “As inscrições foram limpas em 1947 e a primeira letra, embora danificada, parece ser um alfa sem dúvida. A primeira inscrição é sem sentido (*nonsense*), mas ambas parecem nomear os escudeiros. Boardman pensa que a segunda inscrição é uma brincadeira com o nome do oleiro” (tradução minha).

²⁷ No site do Museu Britânico (ver *link* na sequência), o comentário do objeto sugere (com dúvida) que a palavra fosse ἐποίησιν com erro de grafia (ἐπ[ο]ίησ(ε)ν (?)); entretanto, falta integrar o alfa inicial reconstituído (ver nota acima).
https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1849-0518-10

Assim, Aoiesn e Amasis, nomes dos guerreiros etíopes nessa cena, por sua sonoridade e aproximação de conteúdos linguísticos populares nas assinaturas dos vasos de cerâmica, propõem, aparentemente, uma dupla referência: por um lado, ao conteúdo exótico ligado ao mundo bárbaro figurado na cena (um nome egípcio, estrangeiro, e outro cuja estranheza poderia remeter a conteúdos linguísticos incompreensíveis no mundo grego, reforçando o exotismo a partir de uma referência fundamental da etnicidade grega – a língua);²⁸ por outro lado, esses nomes também se referem ao ambiente ático da produção de vasos de cerâmica. Observamos, nesse sentido, que Exéquias cria um jogo de palavras com significado oscilante e, além disso, integra o nome de seu concorrente nesse “jogo” interpretativo entre a tradição do mito situado na poesia épica e na avaliação do lugar étnico de seu concorrente.

Outro elemento que parece confirmar a inserção do nome Amasis no campo da nomenclatura de uma personagem etíope – e não como uma palavra que comporia uma assinatura de autoria equivocada – pode ser observada em outro vaso produzido por Exéquias (ver figura 3),²⁹ no qual os dois painéis possuem lacunas importantes, mas é possível observar que as cenas estão também conectadas ao ciclo troiano. Em uma delas, a cena do assassinato de Antíloco (cujo corpo jaz no chão e é identificado por uma inscrição), um feito geralmente atribuído a Mênnon. Há um grupo de figuras masculinas em regiões fragmentadas, o que impede sua identificação integral do conjunto, mas é possível observar com clareza a presença de Euforbo, já que a inscrição que o nomeia foi preservada. Há, assim, a caracterização de uma vitória do exército de Mênnon.³⁰

Na outra face, aparece outro assassinato em combate; desta vez, é apresentado o corpo de Aquiles (ver figura 3-4). A cena, ainda que bastante fragmentada na porção direita, permite identificar o herói pela inscrição ao lado dele, e há um guerreiro que se inclina para recolher o seu corpo, interpretado como Ájax. Na porção esquerda do painel, com a cena menos fragmentada, vê-se um guerreiro paramentado no estilo grego, identificado por uma inscrição como Menelau, e, próximo da linha que delimita o fim do painel à esquerda, há um guerreiro etíope identificado pela inscrição como “Amasos” (*Ἀμασος*).³¹

²⁸ Para o lugar da língua na etnicidade grega antiga, ver Hall, 1995 e Anson, 2009.

²⁹ Filadélfia, inv. 3442. Ver Robertson, et al., 1987, p. 148-50, fig. 7. Em *ABV* (145, 14), o vaso é atribuído a Exéquias.

³⁰ A organização da narrativa sobre esses combates, incluindo aquele com as Amazonas e a sequência de lutas entre Mênnon, Antíloco e Euforbo, podem ser observados no resumo da *Etiópida* presente na *Cresomatia* de Fócio (ver nota 22).

³¹ O nome “Amasos”, especificamente, já foi interpretado como uma forma do genitivo irregular para Amasis (o genitivo no ático seria *Ἀμασιδός* – Amasidos); entretanto, é devido notar que ele também aparece no nominativo em uma inscrição do século IV a.C. (*LGPV* V3b 37075, ver tabela 2, VI), indicando que Amasos poderia ser simplesmente uma variante do nome Amasis no nominativo (ver comentários sobre a inscrição no *CAVI* 6798).

Figura 3 – Ânfora ática de figuras negras (540-530 a.C.) atribuída a Exéquias, Museu da Pensilvânia, Filadélfia, inv. 3442: face A (esquerda) – panel com figuras de Mêmnon, Euforbo e Antíloco; face B (direita) – painel com figuras de Aquiles, Ajax, Menelau e Amasos.



Fonte: <https://www.penn.museum/collections/object/259763>

As cenas conectadas indicam duas referências temporais do conjunto de combates entre tais guerreiros: a morte de Antíloco, que seria seguida da morte de Mêmnon, e, por fim, da morte de Aquiles. Apesar da dificuldade de interpretação considerando a característica lacunar dos painéis, é bastante clara sua inserção nesse conjunto de narrativas de combates do ciclo troiano e a composição dos exércitos envolvidos neles. Novamente, vê-se que o guerreiro etíope apresenta características fenotípicas e culturais específicas.

Assim, ao colocar o nome Amasis em seus vasos, Exéquias parece operar em duas direções. A primeira é situar o nome de seu concorrente em um espaço estrangeiro (um marcador da situação bárbara do Amasis ceramista?). A segunda é a identificação do não-grego a partir de uma mediação mítica. Em vez de caracterizar o próprio Amasis, o ceramista concorrente, em seus vasos, Exéquias parece comentar sua condição de estrangeiro a partir de mitos que tratam do mesmo tema. E, nesse sentido, a associação entre o nome Amasis e a figura do guerreiro etíope indica, além da associação de Amasis, o ceramista, ao universo estrangeiro, uma visão claramente generalista desse outro.

Exéquias mescla referências egípcias e etíopes como se correspondessem a um mesmo mundo, uma abordagem bastante diferente daquela que Heródoto, no século seguinte, aplicaria na descrição desses grupos. Ou seja, a precisão na construção do discurso sobre o outro não parece um elemento fundamental nessa perspectiva. Se o mito baseado em referências bem constituídas já estabelece essa mediação, não pareceria necessário definir o outro a partir de categorias ou elementos muito detalhados. Nesse sentido, é importante compreender alguns elementos de outro Amasis que completa essa

observação: o faraó saíta da vigésima sexta dinastia que governava o Egito no século VI a.C.: trata-se Amasis II.³²

Figura 4 – Painel de ânfora ática em figuras negras (ver figura 3, face A) – Amasos, Menelau e Aquiles.



Fonte: <https://www.penn.museum/collections/object/259763>

ENTRE MUNDO GREGO, EGITO E ETIÓPIA

Até este ponto, observamos que houve um artesão ceramista chamado Amasis que atuava na região da Ática no século VI a.C., e que os dados sobre sua biografia são pouco claros – não sabemos se ele era um oleiro ou oleiro-pintor, e não é possível dizer qual era, de fato, a sua origem e condição étnica. Sabemos, entretanto, que ele operava na Ática no século VI a.C. na mesma época que outro artesão chamado Exéquias. Ainda, sabemos que este artesão, muito possivelmente, mobilizou elementos do mito para situar Amasis no campo do outro, do bárbaro; mais especificamente, em ambiente etíope. Sabemos, também, que o nome Amasis, inspirado em um faraó egípcio da dinastia saíta, já era conhecido entre as comunidades gregas desde o século VI a.C. Há, assim, um conjunto de informações que, se agrupadas, podem auxiliar na compreensão da leitura que Exéquias propôs sobre seu competidor, Amasis.

A importante referência que o Egito poderia oferecer para a os próprios gregos foi amplamente apresentada por Heródoto, em uma época imediatamente posterior ao momento aqui destacado. Em pleno século V a.C., os egípcios – já dominados pelos persas – são descritos de forma muito positiva pelo historiador, em uma narrativa que transita entre

³² Para a dinastia saíta, ver Schütze, 2023.

o elogio e a caracterização de seu exotismo.³³ Nesse conjunto de referências, há alguns aspectos fundamentais que interessam aqui, mas tratarei principalmente do papel do faraó Amasis II, bastante destacado por Heródoto, e a caracterização étnico-racial dos egípcios.

Se podemos acreditar nas informações apresentadas por Heródoto, o faraó Amasis II era conhecido no mundo grego na época de seu governo. Na sequência final do livro 2 das *Histórias*, intitulado *Euterpe*, o historiador apresenta Amasis como um grande rei: “segundo se diz, o Egito atingiu a sua prosperidade máxima no reinado de Amasis” (2, 178).³⁴ É preciso notar que Amasis foi o último faraó com amplo tempo de governo antes da conquista persa (ele reinou entre 570 e 526 a.C., quando faleceu); e, um ano depois de sua morte, o Egito passava a integrar o império persa sob Cambises.

Além disso, Heródoto caracteriza o faraó como “um grande amigo dos helenos” (2, 178), apresentando uma série de ações que confirmariam tal situação: ele teria oferecido aos gregos a cidade portuária de Náucratis,³⁵ teria auxiliado os gregos em Delfos a pagarem por parte de certas obras no santuário de Apolo (2, 180); estreitado relações com os Batíadas de Cirene a partir do casamento com a princesa Ladice, filha de Bato III, rei de Cirene (2, 181); e, além disso, teria enviado uma série de oferendas (algumas delas, representações escultóricas dele próprio) a santuários em Cirene, Rodes e Samos (2, 182); o que teria consolidado, em Samos, as relações entre Amasis e o governante local, Polícrates; e, em Rodes, reativado narrativas tradicionais que conectavam o Egito à Grécia através do mito de fundação do santuário de Atena Lúndia pelas filhas de Dânao, um rei egípcio mítico.

A aproximação entre os egípcios e as comunidades gregas sugerida nesse caso de Amasis parece ter se consolidado aos poucos antes da evidente integração desses mundos no período helenístico. No período clássico, o trânsito entre atenienses no Egito e de egípcios em Atenas era consistente, havendo, neste último caso, inclusive, citações honoríficas a egípcios em inscrições da cidade.³⁶ Tal situação foi possível dada uma teia de contatos estruturada pela aproximação entre gregos e egípcios no Egito e no Egeu desde o período arcaico, na qual a religiosidade parece ter tido um papel importante, como observado na paulatina inserção do culto de Ísis em algumas cidades gregas (Woolf, 2014, p. 75). Entretanto, esse interesse pelos egípcios poderia ser abertamente criticado, como observado na ridicularização que Aristófanes fez de Licurgo n’*As rãs* (1296), dadas as suas relações com o Egito (Vasunia, 2001, p. 27-8).

Outro debate que nos interessa aqui é a caracterização étnica e racial dos egípcios a partir das fontes gregas dos períodos arcaico e clássico, e um problema significativo é a projeção desses conceitos para um contexto no qual a noção racial com base biológica não existia. Se os estudos atuais transitam entre a identificação de discursos raciais na Antiguidade e a priorização da caracterização étnica como preferível, considerando o próprio conceito de *ἔθνος* (Derbew, 2022, p. 17), é importante notar que, atualmente, há ampla variedade conceitual sobre o conceito de raça; e que, em determinados contextos, é o elemento étnico que organiza de forma mais consistente os conceitos raciais, o que pode ser observado em definições tais como “cigano”, “turco”, “judeu”, “latino”, entre outros; que são claramente delimitadas em contornos raciais nos quais o elemento biológico ou

³³ Para o livro 2 da obra *Histórias* de Heródoto e a visão sobre os egípcios, ver Moraes (1999 e 2000).

³⁴ Todas as traduções de Heródoto aqui apresentadas foram traduzidas por Mário da Gama Kury.

³⁵ Amasis II é apresentado como fileleno e o responsável pela criação de Náucratis, uma cidade grega no Egito, o que não é confirmado pelos vestígios arqueológicos que sugerem que a fundação da cidade remonta ao século VII a.C., época que reinava o faraó Pasmético II. Ver Fine (1983, p. 84-5); Boardman; Hammond (1982, p. 38); e Hall (2007, p. 246). Para um levantamento crítico das fontes sobre a relação do faraó Amasis e comunidades gregas, ver Cook, 1937. Para um contraponto à visão herodoteana, ver Di Biase-Dyson (2013). Para leituras do campo da Egiptologia sobre o contexto, ver Bresson (1980); Agut-Labordère (2012a e 2012b, 2016) e Agut-Labordère; Gorre (2014).

³⁶ Ver Bowsky (1997, p. 205, n. 40) (com bibliografia).

fenotípico não é o mais importante (configurações que são definidas por especialistas como “raça étnica”),³⁷ e que parecem oferecer pontos de similaridade maiores com o problema étnico da Antiguidade.

Entretanto, no que se refere à caracterização étnica dos egípcios na Antiguidade, o elemento fenotípico é bastante retomado, sobretudo em debates ao longo do século XX sobre a reafirmação de referenciais de negritude na Antiguidade. Dessa forma, a própria caracterização de Heródoto, novamente, é bastante destacada a partir de um termo utilizado pelo autor para definir os egípcios: a palavra *μέλας*, que, nesse sentido, comprovaria a negritude dos egípcios antigos (Diop, 1974, p. 1-5; e 2010, p. 12-7). O argumento parece ser reforçado quando os próprios etíopes são caracterizados pelo mesmo termo e, assim, a aproximação entre egípcios e etíopes indicaria um grupo homogêneo do ponto de vista fenotípico/biológico. Mas, a situação é mais complicada, já que, considerando seu uso na literatura grega para caracterizar a coloração da pele humana, ele parece ter sido abertamente generalista – desde o moreno até o negro de pele escura.³⁸

Nas *Histórias*, Heródoto impõe aos povos que descreve uma caracterização prioritariamente cultural e, quanto às suas características fenotípicas, como a cor da pele, ele aplica características pouco precisas, generalistas. Essa variedade de caracterização sobre os egípcios pode ser observada na imagística grega. Por exemplo, em uma cena que se passa no Egito e algumas vezes figurada na cerâmica ática – a luta entre Hércules e Busiris (um rei egípcio mítico) –, por vezes, ele e outros egípcios são representados como homens negros, e os elementos fenotípicos tais como o tipo de cabelo, lábios, nariz explicitam isso; mas, nem sempre essa caracterização é baseada na negritude, havendo mesmo a possibilidade de eles aparecerem como os gregos.³⁹

No caso de Busiris, é interessante lembrar que, em registros literários, ele é filho de Poseidon (Livingstone, 2001, p. 1-27) e, portanto, que essa lógica da mediação de uma pessoa etnicamente grega em um ambiente habitado por bárbaros também pode ter sido desenvolvida em imagens. Ou seja, o egípcio na caracterização grega não apresentava elementos físicos detalhados ou específicos, podendo variar significativamente; e, nesse sentido, buscar uma abordagem “antropológica” na literatura ou iconografia gregas não parece ser a melhor estratégia. Em síntese, enquanto a noção de raça biológica pouco ajuda a avançar nesse debate, a de raça étnica parece nos oferecer alguns pontos de contato entre os nossos conceitos raciais e os dos antigos.

É a partir desse cenário de crescente integração entre comunidades gregas e egípcias e a visão grega sobre os egípcios que observamos a construção de Exéquias. Ele nos apresenta, nos dois vasos acima citados, um nome egípcio, cujo significado tinha uma projeção regional (no caso do faraó), mas também tratado no âmbito local (no caso do artesão ceramista em Atenas). Dessa forma, ele utiliza o mito para refletir sobre esse elemento estrangeiro que afeta cada vez mais as dinâmicas locais – em vez de apresentar o faraó ou seu concorrente, ele mobiliza um mito baseado em uma população distante e com características específicas: os etíopes. Mais que isso, ele associa o Egito à Etiópia, quando nomeia o guerreiro do exército de Mênnon com o nome do faraó e do ceramista.

³⁷ Para o conceito de raça étnica, ver Gracia (2005, p. 33-6 e 2018, p. 7-8); e Carter (2016, p. 127-32).

³⁸ No comentário de sua tradução da *República* (474e 1-4), S. Halliwell (2015, p. 204) discorre a elasticidade do termo *μέλας*: “a passagem pressupõe um interesse geral, por parte dos ‘amantes’ homossexuais, na compleição dos seus favoritos. (...) ‘Pele escura’: não ‘negra’ (um sentido padrão de *melas*) mas morenas ou muito bronzeadas. Os gregos tendiam a caracterizar os pobres como ‘queimados pelo sol’ e os ricos como ‘criados à sombra’.”

³⁹ Para a caracterização dos egípcios na arte grega e para o caso de da luta entre Hércules e Busiris, ver *LIMC*, verbete *Bousiris*, v. 1, p. 147-52; v. 2, p. 127-131; Vercoutter; Bugner (1976, p. 238); Lee (2009, p. 173-176); Blanshard (2021, p. 196); e Piqueux (2022, p. 115-116).

Ou seja, ele cria uma personagem que sintetiza essa ambiguidade grega na descrição imprecisa do outro.

Heródoto, um século depois, apresentava egípcios, etíopes, indianos e cólquios como povos de pele escura utilizando o termo μέλας, mas deixa bem claro que a lógica de caracterização de um povo era sobretudo a cultural. Os egípcios, nesse sentido, compunham um povo específico que habitava um território específico (2, 17). Em alguns casos, o argumento da hierarquia entre os elementos culturais e fenotípicos fica explícita. Por exemplo, quando comenta a semelhança entre os cólquios e os egípcios (2, 104), ele parte da característica física, mas a sobrepõe, na sequência, a uma base que ele considera mais efetiva – as práticas culturais:

os egípcios, segundo suas próprias palavras, consideravam os cólquios remanescentes do exército de Sesóstris. Eu mesmo cheguei a essa conjectura, em parte porque sua pele é escura (μελάγχρωσ) e seus cabelos são crespos (οὐλόθριξ), embora isso nada signifique (καὶ τοῦτο μὲν ἐς οὐδὲν ἀνήκει), pois outros povos são assim; mas eis uma prova segura (ἀλλὰ τοῖσιδε καὶ μᾶλλον): os cólquios, os egípcios e os etíopes são os únicos povos que desde sua origem praticam a circuncisão. (grifos nossos)

Talvez, Exéquias ainda vivesse em um mundo que começava a conhecer efetivamente esse outro e, nesse sentido, em pleno século VI a.C., tais distinções mais detalhadas não fossem possíveis. O egípcio e o etíope poderiam compor um mesmo grupo de pessoas de pele escura que representam um mundo estranho e distante; que poderia incluir até mesmo os cólquios e os indianos. Mas, mesmo de forma imprecisa, Exéquias mobiliza algumas noções sobre o outro e determinadas hierarquias quando ele usa o mito como mediador. O Amasis/Amasos guerreiro etíope criado por ele é localizado em uma narrativa popular do ciclo troiano, que situava o exército etíope em um combate épico, cuja definição era bem conhecida: Mêmnon, o líder do exército etíope, capitula diante de Aquiles e, além disso, os troianos, pelos quais os etíopes lutaram, perderam.

O guerreiro Amasis, situado no ciclo épico, sintetizava um conjunto de questões importantes do século VI a.C.: o crescimento da integração no Mediterrâneo oriental, a própria associação entre os níveis local e regional, ou, também poderíamos dizer, o glocal e o global (Vlassopoulos, 2013, p. 19-32), e as respostas de determinadas comunidades gregas a ele. A criação de Exéquias, diante da integração regional e do ambiente competitivo desenvolvido entre as oficinas ceramistas, indica-nos um claro exemplo de identidade étnica, conforme discutido acima. Assim, observamos uma resposta clara de Exéquias sobre quem eram os gregos e não-gregos; e Amasis, o nome como referência, o ceramista que era seu contemporâneo, o faraó egípcio e o guerreiro mítico etíope, todos eles baseavam conteúdos que se referiam aos não-gregos.

Há, ainda, outra camada interessante para a compreensão do exercício de etnicidade proposto por Exéquias. Diante do outro, como visto, o mito foi frequentemente apresentado como uma espécie de filtro, de mediador, uma estratégia que permite a tradução de elementos considerados estranhos, exóticos; e, nesse sentido, nem sempre a construção desse outro é negativa. Ora, se Mêmnon era um grego entre etíopes, um rei etnicamente grego que organizava o espaço bárbaro, essa lógica também pode ser observada em outros mitos com desenvolvimentos mais profundos; como o mito de Dânao (um rei mítico egípcio), que tinha implicações para a própria organização do discurso sobre a ancestralidade de comunidades gregas já no século VI a.C., o que foi mais desenvolvido nas *Histórias* de Heródoto e na tragédia *As suplicantes* de Ésquilo (Gruen, 2011, p. 201; Hall, 2019, p. 143; Paoli, 2020).

Quanto à Etiópia especificamente – esse espaço cuja configuração territorial era pouco definida nas descrições gregas dos períodos arcaico e clássico – e quanto à caracterização de seu povo – os etíopes –, é preciso notar que, por meio do mito, discutia-se também a lógica da integração no Mediterrâneo oriental: além de Mêmnon, que já foi citado, há o caso da realeza etíope apresentada no mito de Andrômeda e Perseu – ela, uma princesa etíope, ele um príncipe peloponésio.⁴⁰ Ambos, depois de seu matrimônio, governariam cidades na região da Argólida; isto é, um mito que não apenas descreve o outro, mas o assume como parte integrante das origens de algumas comunidades gregas (um explícito conteúdo relacionado à ancestralidade), da mesma forma que o mito de Dânao.⁴¹

Entretanto, Exéquias não posiciona o nome de seu concorrente ceramista como um rei mítico, nem mesmo como um do faraó histórico, mas prefere situá-lo no âmbito do outro efetivamente – não um egípcio fileleno ou um “grego” entre etíopes, mas um etíope. Mais que isso, um guerreiro etíope em um mito que o desfavorece já que seu exército sairia como perdedor do conflito. Ou seja, além da generalização na caracterização do outro, entre o nome egípcio e a personagem etíope, Exéquias aproveitaria o conteúdo competitivo no qual ele situa Amasis como um guerreiro de um exército perdedor. Assim, na organização de conteúdos regionais entre história e mito, entre gregos, egípcios e etíopes, Exéquias opera na síntese desse processo apresentando sua perspectiva local, quando ele faz uma reflexão conectando tais referências ao ambiente competitivo que se estabelecia entre as oficinas ceramistas áticas.

Não é possível identificar o alcance desse discurso sobre o outro produzido por Exéquias: era uma brincadeira com a condição étnica de seu concorrente ou apenas com o seu nome? Tal construção estendia-se a um oleiro ou a um oleiro-pintor? Entretanto, é possível notar, mesmo com os limites evidentes, que o ceramista utiliza um conjunto de referências que organizavam o seu mundo e que as traduz para a explicação do seu fazer artesanal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção proposta por Exéquias, como visto, manipulou elementos tradicionais no plano histórico e mítico. Amasis já era um nome tradicional no Egito e sua recuperação pelo faraó da dinastia saíta, Amasis II, parece ter promovido certa popularização do nome entre comunidades gregas de sua época, dada a atuação “filelênica” se podemos confiar na narrativa de Heródoto. Exéquias talvez conhecesse essa figura histórica, mas não é claro se conhecia muito bem o lugar de onde ele vinha. Assim, a partir de um referencial generalista de conhecimento sobre esse outro, o nome, que também foi situado no século VI a.C. no ambiente produtivo das oficinas ceramistas áticas a partir de prática de um artesão que usava esse nome, foi instrumentalizado por Exéquias para discorrer sobre a identidade grega a partir de uma mediação explicitamente mítica: o ciclo troiano que também tratou do ambiente etíope.

É interessante notar que, além da *Etiópida* que conhecemos apenas indiretamente, há algumas referências mais claras no *corpus* do ciclo troiano. Por exemplo, no próêmio da

⁴⁰ Para a territorialidade do mito de Andrômeda e Perseu entre a Etiópia, Sérifos, Argos e Tirinto, ver Gagarin (2010, p. 216) e Craik (2014, p. 160). Para a construção alternativa do reino de Andrômeda em Jope, na Fenícia, em vez da Etiópia, ver Gruen (2011, p. 263).

⁴¹ Sobre o peso da ancestralidade na composição da identidade grega, Frank Snowden Jr (1996, p. 124) diz o seguinte: “Os gregos chamavam as culturas estrangeiras de bárbaras, embora o nome ‘helenos’, de acordo com Isócrates [século V-IV a.C.], deveria ser aplicado a pessoas que compartilhavam a mesma cultura, mais que uma ancestralidade dos gregos (*Panegírico* 50)” (tradução minha); o que é confirmado por Hall (2010, p. 112-3), que ainda diz que essa situação seria mais enfática no período helenístico.

Odisseia (1, 1-27), um ambiente afroeurasiático é claramente apresentado ao comentar o itinerário de Odisseu saindo da Ásia (Troia) rumo à Europa (Ítaca). Já a Líbia, o conceito macrorregional mais próximo naquele contexto do que depois seria chamado de África, é o espaço onde Poseidon, que impedia o retorno de Odisseu, recebia oferendas entre os etíopes. Na *Ilíada* (1, 423-5), Tétis, antes de ir até Zeus no Olimpo, indica que ele e os outros deuses estavam na Etiópia, onde passariam vários dias recebendo oferendas. É claro que, naquele contexto, a ideia de Etiópia era bastante imprecisa, mas já organizava conceitos territoriais que estavam na base de povos negros africanos na perspectiva grega, o que foi incluído na representação de Amasis que Exéquias criou.

Na minha opinião, essas imagens de Exéquias permitem observar alguns elementos mais precisos no processo crescente de integração no Mediterrâneo oriental. No século VI a.C., já havia comunidades gregas instaladas no norte da África, tais como a cidade de Náucratis e Cirene. Havia, ainda, a participação consistente de mercenários gregos em grupos militares egípcios contra os persas;⁴² trocas comerciais bem estabelecidas; e, ainda, narrativas mitológicas que situavam personagens etíopes e egípcias como participantes dos esquemas de ancestralidade de determinadas comunidades gregas. Ou seja, as conexões entre as comunidades gregas tradicionais na Península Balcânica, nas Ilhas do Egeu e aquelas da Ásia Menor, já estavam conectadas com o norte da África a partir de processos variados. As imagens de Exéquias, nesse conjunto de referências, indicam como tal ambiente poderia ser compreendido e os significados atribuídos àqueles que participavam dele.

ABREVIATURAS

CAVI – Immerwahr, Henry. **Corpus of Attic vase inscriptions**, 2009.

<https://dc.lib.unc.edu/cdm/landingpage/collection/attic> (consultado em 25 de outubro de 2023)

ABV – Beazley, John D. **Attic Black-figure Vase-painters**. Oxford: Clarendon Press, 1956.

LIMC – Kahil, Lilly (ed.). **Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae**. Zürich; München: Artemis Verlag, vol. I-VIII, 1981-1997.

LGPN – *Lexicon of Greek Personal Names* (versão digital).

<https://www.lgpn.ox.ac.uk/> (consultado em 25 de outubro de 2023)

REFERÊNCIAS

ANSON, Edward M. Greek Ethnicity and the Greek Language. *Glotta*, n. 85, p. 5-30, 2009.

AUSTIN, Michel M. Greece and Egypt in the Archaic Age. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, Suppl. 2, 1970.

BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization: The Fabrication of Ancient Greece, 1785–1985*, vl. 1. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

BERNAL, Martin. A imagem da Grécia antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia. In: FUNARI, Pedro P. (org.). *Repensando o mundo antigo*. Textos Didáticos, n. 49. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005, p.11-31.

BIEBRIER, Morris L. *Historical Dictionary of Ancient Egypt*. Lanham: Scarecrow Press, 2008.

42 Para os mercenários gregos e sua relação com o Egito, ver Hanrahan, 1961; Austin, 1970; e Trundle, 2004.

- BILANSHARD, Alastair J. L. Naked apes, featherless chickens, and talking pigs: adventures in the platonic history of body-hair and other human attributes. In: FANTUZZI, Marco *et al.* (eds.) *Reception in the Greco-Roman World Literary Studies in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 94-218.
- BOARDMAN, John. The Amasis Painter. *Journal of Hellenic Studies*, n. 78, p. 1-3, 1958.
- BOARDMAN, John; HAMMOND, N. G. L. (eds.) *The Cambridge Ancient History*, v. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- BOWSKY, Martha W. B. An Atticizing Stele from Western Crete. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, n. 118, p. 197-206, 1997.
- BRYAN, Betsy M. The 18th dynasty before the Amarna period (c. 1550-1352 BC). In: SHAW, Ian (ed.) *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 207-264.
- BUNDRICK, Sheramy D. *Athens, Etruria, and the many lives of Greek figured pottery*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2019.
- BUNSON, Margaret. *Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Facts on File, 2002.
- CARTER, Jacoby A. *African American contributions to Americas' cultures*. A critical edition of Lectures by Alain Locke. New York: Palgrave MacMillan, 2016.
- CRAIK, Elizabeth M. *The Dorian Aegean*. New York: Routledge, 2014.
- COOK, Robert M. Amasis and the Greeks in Egypt. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 57, n. 2, p. 227-237, 1937.
- DERBEW, Sarah F. *Untangling Blackness in Greek Antiquity*. New York: Cambridge University Press, 2022.
- DIETZ, Mary G. Between Polis and Empire: Aristotle's Politics. *The American Political Science Review*, v. 106, n. 2, p. 275-293, May 2012.
- DIOP, Cheikh Anta. *The African origin of civilization*. Myth or reality. New York: Lawrence Hill & Co., 1974.
- DIOP, Cheikh Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (org.) *História geral da África*, Vol. II. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010, p. 1-36.
- EKROTH, Gunnel. Heroes and Hero-Cults. In: OGDEN, Daniel. *A Companion to Greek Religion*. Oxford: Blackwell, 2010, p. 100-114.
- ERSKINE, Andrew. *Troy Between Greece and Rome: Local Tradition and Imperial Power*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FINE, John Van A. *The ancient Greeks*. A critical History. Cambridge; London: Harvard University Press, 1983.
- FRANCISCO, Gilberto da S. Grafismos gregos: escrita e figuração na cerâmica ática do Período Arcaico (do século VII-VI a.C.) *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 6, 2008.

FRANCISCO, Gilberto da S. The Brygos Painter's misswritten signature on the Lancastre pelike. In: ANGLIKER, Erica; BULTRIGHINI, Ilaria. *New approaches to the materiality of text in the ancient Mediterranean*. Turnhout: Brepols, p. 53-64.

GAGARIN, Michael. *The Oxford encyclopedia of ancient Greece and Rome, vol. 1*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GATTI, Ícaro F. *A Crestomatia de Proclo: tradução integral, notas e estudo da composição do código 239 da Biblioteca de Fócio*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.

GRACIA, Jorge J. *Surviving Race, Ethnicity, and Nationality. A Challenge for the 21st Century*. Oxford: Rowman & Littlefield Publ., 2005.

GRACIA, Jorge J. (org.) *Race or ethnicity? On Black and Latino Identity*. Ithaca; London: Cornell University Press, 2018.

GRUEN, Erich S. *Rethinking the Other in Antiquity*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

HABICHT, Christian. Foreign names in Athenian nomenclature. In: HORNBLOWER, Simon; MATTHEWS, Elaine (eds.) *Greek personal names. Their value as evidence*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 119-128.

HALL, Edith. When is a myth not a myth? Bernal 'Ancient Model'. In: HARRISON, Thomas (ed.) *Greeks and Barbarians*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019, p. 133-52.

HALL, Jonathan M. The role of language in Greek ethnicities. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 41, 1995, p. 83-100.

HALL, Jonathan M. *Ethnic identity in Greek antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HALL, Jonathan. Quem eram os gregos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, vl. 11, p. 213-225, 2001.

HALLI, Jonathan M. *Hellenicity. Between ethnicity and culture*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2002.

HALL, Jonathan M. *A History of the Archaic Greek World, c. 1200-479 BCE*. Oxford: Blackwell, 2007.

HALL, Jonathan. Ethnicity. In: GAGARIN, Michael (ed.) *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome, vol. 3*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 111-113.

HALLIWELL, Stephen. Commentary. In: Plato, Republic, Book V. Edited with an introduction, translation and commentary by S. Halliwell. Oxford: Oxbow Books, 2015.

HANRAHAN, Matthew. *Naucratis, and the relations between Greece and Egypt during the 7th and 6th centuries B.C.* University Review v. 2, n. 5, 1961, p. 46-57.

HARRISON, Thomas. General introduction. In: HARRISON, Thomas (ed.) *Greeks And Barbarians*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002, p. 1-16.

HARRISON, Thomas; IRWIN, Elizabeth. *Interpreting Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

- HENRICHS, Albert. Myth visualized: Dionysos and his circle in sixth-century Attic vase-painting. In: ROBERTSON, Martin *et al.* Papers on The Amasis Painter and his world. Colloquium sponsored by the Getty Center for the History of Art and the Humanities and Symposium sponsored by The J. Paul Getty Museum. Malibu: The J. Paul Getty Museum, 1987, p. 92-124.
- HURWIT, Jeffrey M. *Artists and signatures in ancient Greece*. New York: Cambridge University Press, 2015.
- KAMEN, Deborah. *Status in Classical Athens*. Princeton: Princeton University Press, 2013.
- KÖNIG, Friedrich W. *Die Persika des Ktesias von Knidos*. Graz: Weidner, 1972.
- LEE, Mireille M. Body-modification in classical Greece. In: FÖGEN, Thorsten; LEE, Mireille M. (eds) *Bodies and Boundaries in Graeco-Roman Antiquity*. Berlin: De Gruyter, 2009, p. 155-180.
- LEGAKIS, Brian. A lekythos signed by Amasis. *Antike Kunst*, n. 26, 1983, p. 73-76.
- LIVINGSTONE, Niall. *A commentary on Isocrates' Busiris*. Leiden: Brill, 2001.
- MAC SWEENEY, Naoise. *Troy: Myth, City, Icon*. London; New York: Bloomsbury Publishing, 2018.
- MALKIN, Irad. *Ancient perceptions of Greek ethnicity*. Cambridge: Harvard University Press, Center for Hellenic Studies, 2001.
- MARTIN, Susan R. *"Hellenization" and Southern Phoenicia: Reconsidering the impact of Greece before Alexander*. Berkeley: University of California, 2007.
- MCCOSKEY, Denise E. Ethnicity, Race, and Nationalism. In: CARTLEDGE, Paul; ATACK, Carol (eds.) *A Cultural History of Democracy in Antiquity*. London; New York: Bloomsbury Academic, 2021, p. 137-54.
- MCINERNEY, Jeremy (ed.) *A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean*. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.
- METZER, Sara E. *Colonizer or Colonized. The Hidden Stories of Early Modern French Culture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012.
- MORAIS, Érica S. *Heródoto e o Egito: Tradução e Comentário do Livro II das Histórias*. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Linguística (Unicamp - Instituto de Estudos da Linguagem), 1999.
- MORAIS, Érica S. *Heródoto e o Egito: tradução e comentário do Livro II das Histórias. Sínteses*, vol. V, 2000, p. 311-20.
- NAGY, Gregory. *The Ancient Greek Hero in 24 Hours*. Cambridge: Harvard University Press, 2020.
- PAOLI, Beatriz. A caracterização das Danaides nas Suplicantes de Ésquilo. *Codex - Revista de Estudos Clássicos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, p. 183-96, 2020.
- PARKER, Robert. *Athenian religion: a history*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- PEDLEY, John G. *Greek Art and Archaeology*. 2nd ed. New York: Harry N. Abrams, 1998.

PIQUEUX, Alexa. *The Comic Body in Ancient Greek Theatre and Art, 440-320 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

RENGAKOS, Antonios. Aethiopsis. In: FANTUZZI, Marco; TSAGALIS, Christos (eds.) *The Greek epic cycle and its ancient reception. A companion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 306-17.

ROBERTSON, Martin *et al.* Papers on The Amasis Painter and his world. Colloquium sponsored by the Getty Center for the History of Art and the Humanities and Symposium sponsored by The J. Paul Getty Museum. Malibu: The J. Paul Getty Museum, 1987.

ROMAN, Luke; ROMAN, Monica. *Encyclopedia of Greek and Roman Mythology*. New York: Infobase Publishing, 2010.

RUTTER, Keith. *Word And Image In Ancient Greece*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020.

SCHEIJNEN, Tine. *Quintus of Smyrna's Posthomerica*. A study of heroic characterization and heroism. Leiden; Boston: Brill, 2018.

SCHMITT, R. Iranische Personennamen in der griechischen Literatur vor Alexander dem Großen. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011.

SNOWDEN, Frank M. *Blacks in Antiquity*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1970.

SNOWDEN JR., Frank M. Bernal's "Blacks" and the Afrocentrists. In: LEFKOWITZ, Mary R.; ROGERS, Guy M. (eds.) *Black Athena Revisited*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996, p. 112-28.

SPARKES, Brian A. *Greek Pottery: An Introduction*. Manchester: Manchester University Press, 1991.

STANSBURY-O'DONNELL, Mark. *Looking at Greek art*. New York: Cambridge University Press, 2011.

SVENBRO, Jesper. J'écris, donc je m'efface. L'énonciation dans les premières inscriptions grecques. In: DETIENNE, Marcel (dir.) *Les savoirs de l'écriture en Grèce Ancienne*: Nouvelle édition identique à celle de 1988. Villeneuve d'Ascq : Presses universitaires du Septentrion, 2010, p. 459-479.

TAVERNIER, Jan. *Iranica in the Achaemenid Period (ca. 550–330 B.C.)*. Lexicon of Old Iranian Proper Names and Loanwords, Attested in Non-Iranian Texts. Leuven: Peeters, 2007.

TRUNDLE, Matthew. *Greek mercenaries from the late archaic period to Alexander*. London: Routledge, 2004.

TUPLIN, Christopher J. Aršāma: Prince and Satrap. In: TUPLIN, Christopher J.; MA, Joohn (eds.) *Aršāma and His World: The Bodleian Letters in Context Volume III: Aršāma's World*, v. 3. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 3-72.

VAN ROOKHUIJZEN, Jan Z. *Herodotus and the topography of Xerxes' invasion: Place and memory in Greece and Anatolia*. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2018.

VASUNIA, Phiroze. *The Gift of the Nile: Hellenizing Egypt from Aeschylus to Alexander*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2001.

VERCOUTTER, Jean; BUGNER, Ladislav. *Image of the Black in Western Art: From the Pharaohs to the Fall of the Roman Empire*. New York: William Morrow, 1976. V.1.

VLASSOPOULOS, Kostas. Beyond and Below the Polis: Networks, Associations, and the Writing of Greek History. *Mediterranean Historical Review*, v. 22, p. 11-22, 2007.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and Barbarians*. New York: Cambridge University Press, 2013.

VON BOTHMER, Dietrich. *The Amasis Painter and His World Vase-painting in Sixth-century B.C. Athens*. Malibu: J. Paul Getty Museum; Thames & Hudson Ltd, 1985.

WOOLF, Greg (2014) Isis and the evolution of religions. In: BRICAULT, Laurent (ed.) Power, Politics and the Cults of Isis. *Proceedings of the Vth International Conference of Isis Studies*, Boulogne-sur-Mer, October 13-15, 2011, p. 62-92.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Gilberto da Silva Francisco: Doutor. Professor Adjunto, Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, SP, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Estrada do Caminho Velho 333, CEP 07252-312, Jardim Nova Cidade, Guarulhos, SP, Brasil.

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.



LICENÇA DE USO

© Gilberto da Silva Francisco. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Fábio A. Morales.

HISTÓRICO

Recebido em: 5 de outubro de 2024

Aprovado em: 16 de dezembro de 2024

Como citar: FRANCISCO, Gilberto da S. Amasis – o artesão ático, o faraó saíta e o guerreiro etíope: um debate sobre etnicidade no mundo grego antigo *Esboços*, Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 558-582, 2024.

